



"Exposição do Mundo  
Português. Estrela Faria"  
PT/TT/SNI/ARQF/DO-002-  
008/01309  
Data: [19--]  
Autor: Mário Novais  
"Imagem cedida pelo ANTT"

## O itinerário escolar e o percurso profissional de Estrela Faria.

### Um caso de mobilidade bem-sucedida (1910-1976)

Fernando Luís Gameiro<sup>1</sup>

«A independência artística desta rapariga que tem vencido por si própria, sem transigir com a incompreensão da maioria, pode apontar-se como nobre exemplo.»<sup>2</sup>

«É possível que o futuro não recorde a pintora Estrela Faria. O presente, porém, tem com ela uma extensa dívida.»<sup>3</sup>

Estrela da Liberdade Alves Faria contrariou o destino da esmagadora maioria das raparigas eborenses da sua geração: o desempenho dos papéis de esposa e de mãe. Para a mulher de então, a expectativa de prosseguir estudos era diminuta, regra que a pintora refutou, ao migrar para Lisboa e investir fortemente em educação formal, encetando, enfim, um processo que lhe moldaria a vida.<sup>4</sup>

Artista plástica enquadrada no Segundo Modernismo, nasceu em Évora, na Quinta dos Apóstolos, em 9 de outubro de 1910. Faleceu em Lisboa, em 1976. Era filha de Ana de Jesus Faria, doméstica, pessoa com sensibilidade artística, e de Miguel Joaquim Faria, proprietário que apenas dominava os saberes fundamentais. O pai, republicano convicto, deixou-lhe no nome a chegada do regime instaurado poucos dias antes: a República! Estrela era uma entre sete raparigas e um rapaz que constituíam a prole de uma família remediada.

Entretanto, o advento da Ditadura Militar coincidiu com a venda da residência da família, o estabelecimento de um quadro de dificuldades económicas e a saída do pai para o exílio, em Angola. Estrela, que estudava na escola de ensino técnico, permaneceu em Évora, passando a residir na rua Diogo Cão, no centro da cidade, com a mãe e os irmãos.

Concluída a fase local da sua formação, mudou-se para a capital, visando a frequência do Curso de Pintura (1931-1935), na Escola de Belas-Artes de Lisboa (EBAL). Anos depois, a atribuição do estatuto de bolsista pelo Instituto para a Alta Cultura (1938-1940 e 1948-1950) levou-a a França, Itália e Inglaterra.

A partir dos contactos além-Pirenéus, surgiu a oportunidade de trabalhar no Brasil (1953-1958), uma experiência marcante, a merecer estudo aprofundado que o limite

<sup>1</sup> Universidade de Évora / Centro Interdisciplinar de História Culturas e Sociedades (CIDEHUS)/Rede de Arquivos Escolares de Évora (RAEEV).

<sup>2</sup> Modas & Bordados (4 jul. 1945).

<sup>3</sup> O Século (14 abr. 1976).

<sup>4</sup> Entre 1871 e 1926, no ensino clássico (Liceu de Évora), o prosseguimento de estudos acolhia apenas 8% das mulheres, valor que subia para os 30% quando considerado o universo masculino. No ensino técnico (Escola Industrial), os processos de mobilidade entre os ensinos secundário e superior eram insignificantes. Cf. GAMEIRO, Fernando Luís – Elites e Educação. Percursos escolares e profissionais das elites alentejanas. Évora: Universidade de Évora (dissertação de doutoramento policopiada); Idem – Elites e Educação. Lisboa: Colibri, 2017.

deste texto não permite.

Ao longo da década de 1960, deixou marcas indeléveis na paisagem artística portuguesa (em que incluiu Évora), executando obras de grande envergadura na decoração de edifícios públicos e privados. O epílogo da sua carreira verificou-se com o desempenho de funções docentes na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1973-1975), corolário do investimento que havia feito em formação.

Tanto do ponto de vista artístico como do ponto de vista historiográfico, Estrela Faria é ainda pouco estudada. Só na última década do século XX, foi mencionada em obras de referência, ainda que de forma muito sucinta<sup>5</sup>.

Já no século XXI, verificamos alguns avanços no sentido de reconhecer o seu contributo em matéria de emancipação feminina e de afirmação da capacidade de produção<sup>6</sup>.

Também em matéria de história de vida foi incrementado o conhecimento já existente, na ótica da educação formal de Estrela e da ação cultural que desenvolveu em Évora<sup>7</sup>.

Contudo, em perspetiva biográfica, são ainda diversas as vertentes da multifacetada vida de Estrela Faria que, ou permanecem desconhecidas, ou necessitam de maior aprofundamento. Neste texto, mercê do acesso mais alargado ao arquivo pessoal da artista e ao recurso a novos testemunhos no âmbito da história oral, propomo-nos aprofundar duas dessas vertentes<sup>8</sup>.

A primeira diz respeito ao papel desempenhado pela formação académica na trajetória profissional das elites do Sul, na senda da abordagem historiográfica que temos vindo a desenvolver ao longo das últimas décadas<sup>9</sup>.

Assim, passamos em revista o período de formação. Começamos pelo período em que frequentou a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira (EICGP), na segunda metade da década de 1920, continuamos com a referência ao Curso de Pintura na EBAL e concluímos com a análise do impacto na sua carreira da atribuição da bolsa de estudos no estrangeiro pelo Instituto para a Alta Cultura (anos de 1930 e de 1940).

A segunda tenta avaliar a dimensão do seu investimento pessoal nas periferias culturais, com foco em Évora, cidade em que descobriu a sua vocação enquanto

<sup>5</sup> TANNOCK, Michael – Portuguese 20th Century Artists. A Biographical Dictionary. Londres: The History Press, 1978, p. 63; PAMPLONA, Fernando – Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses. Lisboa: Civilização, p. 250; FRANÇA, José Augusto – A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961. Lisboa: Bertrand, 1991; PEREIRA, Paulo, dir. – História da Arte Portuguesa. Vol. 3. Lisboa: Temas & Debates, 1995.

<sup>6</sup> GALÃO, Maria Antonieta – Estrela da Liberdade Faria. Boletim do Núcleo de Estudos de História da Mulher. Évora: CIDEHUS, 2005; LEANDRO, Sandra – Considerar Estrela Faria. WAH! Org. Fundação Eugénio de Almeida. Évora: FEA, 2018.

<sup>7</sup> GAMEIRO, Fernando Luís – Estrela da Liberdade Alves Faria. Um terço da vida. A Cidade de Évora, III Série. Nº 3, 2020; Idem – A Escola na base do sucesso: Estrela da Liberdade Alves Faria. In A Escola Gabriel Pereira. Lisboa: Colibri, 2021, pp. 113-122.

<sup>8</sup> Sobre fontes e metodologia, cf. GAMEIRO, Fernando Luís – A Escola Gabriel Pereira. Lisboa: Colibri, 2021.

<sup>9</sup> GAMEIRO, Fernando Luís – Elites e Educação. Percursos escolares e profissionais das elites alentejanas. Évora: Universidade de Évora (dissertação de doutoramento policopiada); Idem – Elites e Educação. Lisboa: Colibri, 2017. Ver também PERKIN, Harold – The Rise of Professional Society. England Since 1880. London: Routledge, 1999.

artista e à qual regressava com regularidade.

A abordagem desta vertente foca-se na ação da artista em Évora em dois momentos: a exposição que realizou na Galeria Urbana, em 1953, uma das últimas iniciativas em que participou antes da aventura brasileira, e a decoração da sala de audiências do Palácio de Justiça de Évora, uma década depois. Em 1962, havia executado o mural para a Escola Técnica de Estremoz.

Da investigação, que teve como contexto o meio social de origem e a progressiva integração na elite cultural lisboeta ao longo da segunda metade século XX, emerge uma trajetória profissional bem-sucedida. Considerando as suas origens e género, e atendendo às abordagens prosopográficas disponíveis, configura um caso de mobilidade social ascendente, que a historiografia sobre Estrela Faria ainda não conceptualizou, e que é invulgar durante o seu ciclo de vida ativa.

### A educação formal como fator decisivo em trajetórias de sucesso

Tendo em atenção o contexto familiar e o testemunho das fontes orais, pode afirmar-se que a frequência do Curso de Lavoros Femininos foi uma opção ditada também pela precoce sensibilidade para as Expressões, em particular pelo Desenho, tendência cedo reconhecida pela família, a qual sempre teve noção da valia de Estrela Faria<sup>10</sup>.

No quadro da divisão sexista de tarefas em voga na época e da reduzida apetência do mercado de trabalho para o recrutamento de mulheres com qualificação profissional, as raparigas que a acompanharam estariam, em geral, num processo de preparação para assumirem o papel social de esposas e mães.

Na verdade, a aprendizagem dos chamados 'Lavoros Femininos', um conjunto de atividades manuais consideradas próprias para a instrução das raparigas, integrava o currículo da formação primária e técnica elementar, num quadro educativo que não diferia do que caracterizava a vizinha Espanha<sup>11</sup>.

O investimento na educação feminina, se visto na perspetiva da formação de capital humano, não seria rentável dados os condicionamentos existentes no mercado de trabalho feminino. De facto, só com muita dificuldade as jovens conseguiriam um emprego que justificasse um investimento prolongado em educação formal, sendo, portanto, mais interessante do ponto de vista económico manter as raparigas a cooperar de forma ativa na economia familiar.

Porém, à mudança de estruturas políticas e jurídicas, a 1ª República acrescentava, como indispensável, a formação de uma nova mentalidade. Reflexo dos anseios dos governantes da época, veiculou novos valores e padrões de comportamento, reconhecendo o ensino como uma forma de incentivar a participação cívica. As mulheres não ficaram totalmente afastadas de algumas das novas dinâmicas sociais, em particular no que respeita à frequência do ensino técnico. As convicções

<sup>10</sup> PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2022.

<sup>11</sup> GAMEIRO, Fernando Luis – Entre a Escola e a Lavoura. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1998; Idem – Com Engenho e Arte. Lisboa: Colibri, 2011.

republicanas de Miguel Faria, o pai, não terão estado arredadas desta fase formativa de Estrela.

Estrela Faria matriculou-se na EICGP no ano letivo de 1923-1924, no 1º ano de Desenho Ornamental e no 2º ano de Desenho Arquitetónico, dando início a um percurso que concluiria em 1927-1928, com a obtenção do diploma em Liores Femininos. Quando se matriculou, a instituição era frequentada por 252 alunos (figura 1). Quando terminou, era frequentada por 316 alunos, um crescimento sustentado que se manteria até à atualidade, com picos de procura nos anos de 1950 e de 1980<sup>12</sup>.

O professor Manuel Joaquim da Silva Coelho terá sido marcante aquando da passagem de Estrela Faria pela EICGP. De acordo com Sílvia Soares, sua sobrinha, a sua ida para a EBAL a ele se terá ficado a dever<sup>13</sup>.

Concluído o «Curso de Aprendizagem Geral de Liores Femininos» e concretizada a mudança para Lisboa, a deslocação regular a Évora incluía uma visita de cortesia ao antigo professor. O arquivo pessoal da pintora contém uma fotografia que lhe recordava essa relação de admiração mútua (figura 2). Joaquim Coelho não se terá poupado a esforços para apoiar a talentosa aluna, tendo-lhe conseguido, no quadro das relações clientelares que caracterizavam este período da nossa história política, a bolsa atribuída pela Junta Geral de Distrito que suportou a formação de Estrela na EBAL<sup>14</sup>.

Da passagem pela Escola Industrial Gabriel Pereira ficou um esboço de projeto de azulejaria, de temática religiosa, em técnica mista sobre um suporte de tecido preparado, que os professores da época entenderam preservar. Integra o espólio do museu escolar. Este é um trabalho invulgar considerando a escala em que o mesmo foi produzido, já que Estrela tinha apenas 16 anos<sup>15</sup>.

Ao longo do tempo, a relação com a Escola manteve-se. Estimulada por Joaquim Coelho e justificando o apoio recebido da Junta Geral de Distrito, Estrela realizou, entre 1930 e 1935, quatro exposições no estabelecimento de ensino. As obras eram selecionadas do seu portefólio anual na EBAL e mereciam os maiores encómios da imprensa local: «No dia 27 passado numa sala da Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira realizou-se a abertura da exposição de trabalhos executados durante o ano letivo findo pela aluna da Escola de Belas-Artes Srª D. Estrela de Liberdade Alves Faria, natural de Évora. A este ato assistiram admiradores da arte da expositora, que é realmente bastante»<sup>16</sup>.

Na EBAL, Estrela Faria conclui a disciplina de Pintura, com 19 valores, e recebe o prémio Miguel Lupi (1934). Diploma-se com distinção (1935), tendo como mestre, entre outros, o viajado e premiado pintor Veloso Salgado (1864-1945).

<sup>12</sup> GAMEIRO, Fernando – Estrela da Liberdade. Cit.

<sup>13</sup> PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2019.

<sup>14</sup> PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2019.

<sup>15</sup> Notícias d' Évora (22 dez. 1956).

<sup>16</sup> A Defesa (20 set. 1930).

Toda a família evidenciava sensibilidade artística, de que aliás se serviu para subsistir: quando parte do grupo familiar se mudou para Lisboa, para a rua Morais Soares, em Arroios, a mãe de Estrela (figuras 3 e 4) dedicou-se à manufatura de peças em renda, juntamente com duas das filhas, para a loja de moda feminina lisboeta «A Pompadour», sita na Rua Garrett; a irmã de Estrela, Adelaide Faria, partilhava com ela o gosto pela cerâmica e o irmão colaborou com Estrela, que instalou, em iniciativa empresarial notável, em 1940, uma próspera fábrica de manequins, em Belém. Pelo seu realismo e beleza, «os bonecos» contrastavam com os monótonos modelos tradicionais. O negócio iniciado por Estrela, e que mostra a sua capacidade de iniciativa e de sobrevivência económica, foi a base da atividade do único rapaz da família, que o continuaria em França, para onde emigrou nos anos de 1950<sup>17</sup>.

Nos seus registos pessoais de atividades, Estrela Faria realça sistematicamente a importância das bolsas de estudos que recebeu (JGD entre 1928-1935; «Ventura Terra» entre 1931 e 1935; e a bolsa do IAC em 1938 e em 1948), associando-as ao mérito.

Além disso, esforça-se por justificar o investimento das entidades públicas na sua formação: expõe em Évora, no primeiro ciclo formativo (1928-1935), e a Évora voltaria com uma exposição, em 1953. Aliás, como artista que vivia do seu trabalho, foi no período de formação que mais expôs: num total de 28 exposições entre 1928 e 1950, 15 mostras (individuais, ou envolvendo a sua participação em exposições coletivas) tiveram lugar naquele período, num quadro de lenta e progressiva multiplicação dos serviços culturais associados ao crescimento da cidade de Lisboa<sup>18</sup>.

Em arrolamento datado dos anos de 1950, Estrela vinca que «todos os cursos foram feitos como bolseira: em Lisboa, na Escola de Belas-Artes, instituição para a qual a Junta Geral do Distrito a enviara como prémio dos cursos que em Évora realizou com distinção. Em Paris, como prémio conquistado em concurso público em 1939 [sic], onde permanece até à declaração de guerra, tendo voltado a Portugal na época em que se organizaram as grandes festas centenárias para as quais foi convidada a colaborar»<sup>19</sup>.

Terminada a fase de formação inicial, durante a qual recebeu reconhecimento académico, Estrela Faria regressou ao ensino técnico, como docente, na Escola de Artes Decorativas António Arroio. No concurso ao lugar, para além do diploma do Curso de Pintura pela EBAL, recorreu à certificação como detentora do Curso de Liores Femininos, que havia concluído na EICGP, em 1928, e lhe conferia a capacidade de execução de ensino prático. Ali ensinou desenho, geometria, artes decorativas, tecnologia, arquitetura de interiores, desenho de móveis, vitral, mosaico

<sup>17</sup> PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2022.

<sup>18</sup> Arquivo particular de Estrela Faria. Curriculum Vitae. Documentação não catalogada. Sobre a relação entre a transformação urbana e a transformação social, cf. PERKIN, Harold – *The Rise of Professional Society. England Since 1880*. London: Routledge, 1999, pp. 1-19.

<sup>19</sup> Arquivo particular de Sílvia Soares. Correspondência.

e pintura<sup>20</sup>.

A frequência da EBAL (1931-1935, figura 5) e sobretudo a bolsa em Paris, atribuída em 1938, interrompida pela guerra e retomada uma década depois, constituem marcos decisivos, quer para a afirmação da artista em Portugal, quer para o lançamento da sua carreira internacional.

É também necessário referir a inserção da artista na elite cultural de Lisboa, maioritariamente integrada no sólido setor cultural do Estado Novo, na fase em que os seus contornos identitários foram definidos por António Ferro, figura tutelar das artes entre 1933 e 1949 (figura 6).

O final do Curso de Pintura coincidiu com o período em que Ferro, liderando o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), apostava nos «mais novos dos novos», que corporizariam a segunda geração modernista, para encetar a sua «Política do Espírito». Estrela saiu diretamente da EBAL, escola na qual se havia distinguido, recebendo a bolsa «Maria Vitória Terra» (legado Ventura Terra), para se integrar no grupo de artistas que asseguraram as dezenas de exposições patentes nos Salões de Arte Moderna promovidos pelo SPN e, a partir de 1945, pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI). A primeira das quatro participações teve lugar em 1934 e a última em 1949, coincidindo com a saída de António Ferro da tutela das artes.<sup>21</sup>

Neste intervalo, entre muitos outros projetos e atividades, receberia, como já referimos, uma bolsa do Instituto para a Alta Cultura, que lhe permitiu estudar em Paris, e trabalharia também na Exposição do Mundo Português (1940), a grande mostra cultural do Estado Novo (figura 7).

### A aprendizagem além-fronteiras

Em 1938, com 28 anos e exercendo a docência no ensino técnico, Estrela decide apresentar a sua candidatura para a obtenção de uma bolsa, visando estudar autonomamente no estrangeiro. Tinha a noção clara, por via do seu foco numa carreira que pretendia ver coroada de sucesso, da importância de continuar o seu processo de aprendizagem. Como credenciais, apresentou a atribuição da bolsa «Ventura Terra», que distinguira o seu desempenho na EBAL, e dois anos de docência na Escola Industrial António Arroio (arte aplicada).

Sobressaía, no currículo que apresentou ao IAC, o trabalho em Lisboa, com encomendas oriundas do organismo que tutelava as artes, e marcado pela proximidade com a escritora Fernanda de Castro, esposa de António Ferro<sup>22</sup>.

Como referências, que indicou para efeitos de avaliação do seu trabalho em sede de candidatura, avultavam os nomes do arquiteto Pardal Monteiro e do pintor Abel Manta. Já o plano de estudos que apresentou estava focado no aprofundamento

<sup>20</sup> Arquivo particular de Sílvia Soares. Curriculum Vitae (finais da década de 1960).

<sup>21</sup> RAMOS DO Ó, Jorge – Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a «Política do Espírito». Lisboa: Estampa, 1999.

<sup>22</sup> Arquivo particular de Sílvia Soares. Correspondência.

da pintura a óleo, a fresco e da decoração. À pergunta constante do formulário de candidatura – «a que lugar pretende concorrer uma vez terminada a bolsa» – respondeu que pretendia prosseguir a docência numa Escola de Belas-Artes, algo que só se concretizaria no epílogo da sua carreira, entre 1973 e 1975, e que considerou tardio dado o investimento público na sua formação<sup>23</sup>.

A nosso ver, a atribuição da bolsa para estudar em Paris em 1938, em resultado do primeiro lugar obtido em concurso público, terá sido decisiva não só para a dimensão da carreira de Estrela, mas também para a definição do seu projeto profissional. Ali frequentou os ateliers de Maurice Denis (pintura a fresco), de Charles Blanc (pintura de nu), de Paul Colin (pintura e publicidade), entre outros. Em matéria técnica, não mais deixará de manter contacto com o meio artístico parisiense, onde também se encontravam os principais fornecedores dos materiais que utilizava em projetos tecnicamente mais exigentes e junto dos quais obtinha informação atualizada para a aplicação das técnicas para decoração cerâmica<sup>24</sup>.

Entusiasmou-a o afã de conhecimento, patente nas viagens realizadas em ambos os períodos em que beneficiou da bolsa de estudos.

A bolsa do IAC para a experiência parisiense foi interrompida devido à declaração da guerra franco-alemã e Estrela regressou a Lisboa. Este retorno antecipado permitiu que, em 1947, a pintora considerasse da mais elementar justiça que, findo o conflito, o seu trabalho em Paris fosse retomado. Reforçou, na (re) candidatura, que a sua atividade enquanto estudante de arte havia sido interrompida. Insistiu que o seu labor artístico não havia sido beliscado, apresentando uma extensa lista de trabalhos realizados em Portugal durante o período da guerra. Em termos profissionais, invocou o regresso à docência no ensino técnico entre 1940 e 1945, o qual, entretanto, diz ter sido obrigada a abandonar para dar resposta a projetos de envergadura importantes para a sua subsistência enquanto artista, na continuação dos trabalhos de monta que havia realizado para a Exposição do Mundo Português, Ministério das Obras Públicas e Agência Nacional de Publicidade<sup>25</sup>.

Em matéria de prémios, avultava, depois de 1940, o «Prémio Columbano» (1946). Havia exposto coletiva e individualmente em Portugal e no estrangeiro. A sua obra estava representada em diversos museus e galerias, o que levou a imprensa especializada, pronunciando-se sobre a sua primeira exposição individual na sede do SNI, a referir que «pela sua atividade incansável num meio como é infelizmente o nosso onde são tão poucos os amadores de arte verdadeiramente conscientes, a independência artística desta rapariga que tem vencido por si própria, sem transigir com a incompreensão da maioria, pode apontar-se como nobre exemplo»<sup>26</sup>.

No contexto da bolsa, em carta dirigida ao presidente do IAC, alegou a necessidade de aprofundar os estudos que considerava passíveis de serem aplicados em Portugal, integrando-os no ensino técnico e no superior. Propunha-se

<sup>23</sup> Candidatura IAC, JEN, (26 mar. 1938).

<sup>24</sup> Arquivo particular de Sílvia Soares. Correspondência.

<sup>25</sup> Arquivo particular de Sílvia Soares. Carta remetida ao presidente do IAC, 1948.

<sup>26</sup> *Modas & Bordados* (4 jul. 1945). A revista era, nesta altura, dirigida pela escritora e feminista Maria Lamas.

contribuir, através da colaboração na Escola de Belas-Artes, «para a tão necessária modernização ou atualização do gosto, dentro de lógicos princípios que não colidam com as nossas tradicionais indústrias» e acrescentava «é também meu propósito documentar-me, quanto possível, para em meu regresso demonstrar por meio de exposições, não só de subsídios dessas Artes Decorativas mas da pintura colhidos do natural ou em museus e lugares próprios (...) o aproveitamento desta bolsa, confirmando deste modo a sua útil e nacional proteção aos artistas e à arte portuguesa. Possivelmente, em deliberação futura, com a repetição desta e de outras exposições na América Latina onde convém levar Arte Moderna Portuguesa, poderá ainda completar esta tarefa»<sup>27</sup>.

Esta missiva, um autêntico programa que aplicaria nas duas décadas seguintes, mostra um entendimento claro da situação do ensino artístico e do panorama das artes plásticas em Portugal. A exposição surge na linha de desenvolvimento da carreira da artista. Uma década depois da concessão da primeira bolsa, a sua vertente académica permanece intocada, na medida em que insiste na utilidade de partilhar os seus conhecimentos numa escola de Belas-Artes, com o objetivo de promover a articulação entre os ensinos superiores e técnico-artístico. O conhecimento aprofundado em esmaltes e mosaicos, ou na ornamentação de edifícios (que enuncia na carta que citamos), revelar-se-ia decisivo na sua afirmação e reconhecimento profissional. Finalmente, a extraordinária modernidade da sua abordagem às finalidades do investimento do Estado na sua formação é evidenciada ao enunciar atividades de extensão à comunidade, através da ação expositiva, e de internacionalização da sua atividade artística.

A retoma da bolsa de estudos em 1948 provocou o seu afastamento da participação em exposições nacionais, facto notado por um seu amigo, Diogo de Macedo, o diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea, que considerava que Estrela devia continuar a participar em exposições em Portugal, numa altura em que António Ferro se havia afastado do SNI<sup>28</sup>.

Estrela, porém, tinha outros planos. Viajou para Itália, Holanda e Inglaterra. Regressou a Paris, onde se manteve até 1951, frequentando vários ateliers, em particular as academias Colarossi, Julian e Chaumier. Fim do período da bolsa, a necessidade de permanecer na cidade-luz, para preparar uma exposição, leva-a a aceitar trabalhos de decoração, salientando-se o escritório comercial do Brasil, em Paris, e casas de Portugal, em Paris e Londres.

Para Estrela Faria, cultivar relações de amizade com personalidades da cultura foi uma constante. A documentação epistolar e a iconografia deste período mostram a sua proximidade em relação a quem tomava decisões na área da educação e das artes. De entre muitos outros, citamos os seguintes: o historiador e crítico de arte Reynaldo dos Santos, que presidia à Sociedade de Belas-Artes e à Junta Nacional de Educação, que tutelou o IAC (figura 8); políticos como António Ferro;

---

<sup>27</sup> Arquivo particular de Estrela Faria. Correspondência. Carta ao presidente do IAC, 1950.

<sup>28</sup> Carta de Diogo de Macedo, diretor do MNAC, a Estrela (23.09. 1949).

profissionais influentes como o arquiteto Conceição e Silva, que integrava a direção da SNBA ou o diretor do MNAC, Diogo de Macedo; figuras como a pintora Vieira da Silva, que a antecedeu na frequência dos centros culturais europeus, assim como os escultores António Duarte e Martins Correia ou o pintor Abel Manta (figuras 9 e 10).

### Entre Lisboa e Évora

Aos quarenta anos Estrela Faria patenteava um currículo invulgar: para além da formação inicial na EBAL, havia frequentado a Escola de Belas-Artes de Paris, na primeira fase da bolsa, interrompida pela guerra, e no regresso, entre 1948 e 1950, daria um cariz prático à formação, com a frequência de diversos ateliers e o contacto com alguns dos principais meios artísticos europeus.

Ao retornar a Lisboa, o projeto enunciado junto do IAC, isto é, o ingresso em Belas-Artes, onde poderia partilhar o investimento em formação, não teria sequência. Estava aberto o caminho para a exploração de novas oportunidades que não tardariam a surgir.

Em Évora, depois das pinturas a fresco no Posto de Turismo (1948), Estrela Faria apresentou, em abril de 1953, uma mostra significativa do seu trabalho, fruto do investimento em formação e experiência (figura 11). Pese embora o facto de a imprensa local sublinhar os seus progressos em resultado do «contacto com os principais mestres portugueses e franceses», as críticas informais terão incidido sobre a exibição de um quadro representando um nu frontal, obra que faz atualmente parte da Coleção Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, datado de 1949, realizado durante o período de residência em Paris, e que foi adquirido pela instituição em 1971. A obra foi proposta para aquisição pela pintora, juntamente com o quadro «Barraca de Tiro – Costa da Caparica», por sessenta mil escudos, um processo que teve Artur Nobre de Gusmão, o então diretor do Serviço de Belas-Artes da FCG, como decisor<sup>29</sup>.

Porém, o jornal Notícias de Évora, vigiado pela censura, não deixou de fazer o reparo «Temos que ver nos trabalhos expostos o processo artístico e as suas inestimáveis conquistas, no campo da serenidade e do domínio de certas experiências preciosas da vida (...) A artista que o é, até ao ponto em que os limites da sua condição de mulher o permitem»<sup>30</sup>. E os limites parecem ter sido ultrapassados: segundo a sobrinha, Sílvia Soares, «As pessoas ficaram muito escandalizadas com a minha tia. Houve comentários na família e também de pessoas conhecidas que se dirigiram à minha mãe»<sup>31</sup>. Era um sinal claro de um certo hermetismo da sociedade eborense, pouco dada com as vivências que Estrela já tinha. Com duas décadas de vida em Lisboa, já havia beneficiado de uma bolsa do Instituto para a Alta Cultura (1938-1939) que lhe tinha permitido frequentar alguns dos ateliers dos principais pintores parisienses, absorvido o cosmopolitismo artístico de Paris e de

<sup>29</sup> Ofício FCG 35/BA/71 (7 jan. 1971). Conversão para euros: aprox. 206.000€. dez. 1956).

<sup>30</sup> Notícias de Évora (16 abr. 1953).

<sup>31</sup> PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/Entrevistas – Sílvia Soares, 2019.

capitais europeias de cultura como Amesterdão e Florença.

Por ocasião da exposição de 1953, a imprensa noticiou a ida de Estrela para o Brasil, de onde regressaria em 1958, depois de um percurso de sucesso, tanto no plano artístico como financeiro. Durante este período, manteve o seu nome na imprensa eborense, lembrando aos seus conterrâneos que iria regressar<sup>32</sup>.

A relação com a cidade onde nasceu manter-se-ia com a decoração do tribunal. A realização desta encomenda, assim como de outros trabalhos de grande envergadura, levam-na a suspender, em 1963, a docência no ensino técnico. O projeto de decoração do Palácio de Justiça de Évora é um dos mais emblemáticos deste período. A importação de materiais e conhecimento de Paris, recorrendo aos seus contactos, nomeadamente na embaixada de Portugal, e ao conhecimento dos fornecedores da cidade-luz, levam-na a efetuar várias encomendas. Uma delas tinha mais de 60 kg de tintas, ouro líquido, e 30 relógios para «marcar o tempo de cozimento». Solicitou ainda tabelas para controlo de temperaturas e indicações para os tempos de cozedura<sup>33</sup>.

Tanto a exposição patente na Galeria Urbana, imediatamente antes de partir para o Brasil, em 1953, para uma das mais proveitosas e remuneradas experiências de internacionalização de artistas portugueses da época, como o painel polícoro, dez anos depois, são demonstrativos da extraordinária inteligência emocional da artista. De facto, apesar de muito bem inserida no centro da vida cultural da capital portuguesa, por razões de afirmação pessoal e profissional, Estrela quis deixar a sua marca na cidade que a viu nascer.

O ingresso na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde lecionou Modelo Nu e Anatomia, teve lugar em outubro de 1973, como assistente eventual além do quadro, tendo sido invocada para a sua contratação a figura da urgente conveniência de serviço. De acordo com a sobrinha, Sílvia Soares, a iniciativa da contratação terá partido do Ministro da Educação, Veiga Simão, que procurou reconhecer-lhe o trabalho de uma vida<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Notícias d' Évora (22 dez. 1956).

<sup>33</sup> Carta de Maria Antónia/Viriato Oliveira de Paris (22 jan. 1963).

<sup>34</sup> Cf. PT/AHESGP/EICGP/D/B/002/ Entrevistas – Sílvia Soares, 2022.



Figura 1  
Estrela Faria, à direita da figura central, envengando o traje da Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira 1928? Fonte: arquivo particular de Sílvia Soares.

Figura 2  
Estrela Faria com o seu antigo professor, dos tempos da EICGP, Manuel Joaquim Coelho, figura tutelar para a vida. A pintora visitava regularmente o seu antigo mestre. Data: anos de 1960. Fonte: arquivo particular de Sílvia Soares.



Figuras 3 e 4  
Com a irmã Lourdes.  
Data: 1957.  
Desenho a carvão (20x15 cm)  
A mãe em visita a uma  
exposição de Estrela em Évora.  
Data: 1945. A mudança de  
arte da família para Lisboa  
acultou a Estrela um  
importante suporte ao seu  
trem de vida.  
Fonte: arquivo particular de  
Sílvia Soares.



Figura 5  
Estrela Faria, ao centro, na  
Escola de Belas-Artes de  
Lisboa. Data: 1932?  
Fonte: arquivo particular de  
Sílvia Soares.



Figura 6  
Estrela Faria (em primeiro  
plano) com António Ferro (no  
centro do grupo).  
Data: anos 1940.  
Fonte: Arquivo particular de  
Sílvia Soares.



Figura 7  
Sílvia Soares em Paris. Data:  
1939. A residência numa das  
grandes capitais culturais da  
Europa facultar-lhe-ia um  
conjunto de contactos que  
manteria até ao final da  
carreira.  
Fonte: arquivo particular de  
Sílvia Soares.



Figura 8  
Estrela Faria com o médico,  
professor e historiador de arte  
Reynaldo dos Santos em  
Scheveningen, Holanda.  
Viagem nos anos de 1950, para  
observar o restauro de quadros  
de Rembrandt van Rijn.  
Fonte: arquivo particular de  
Sílvia Soares.



Figura 9 e 10  
Estrela Faria (ao centro) com  
Helena Vieira da Silva (à  
esquerda). Data: anos de 1950.  
A pintora ladeada pelos  
escultores António Duarte e  
Martins Correia (anos de 1950).  
Fonte: arquivo particular de  
Sílvia Soares.



Figura 11  
Exposição de Estrela Faria na  
Galeria «Urbana» em Évora.  
Data: 1953. Na parede da  
direita (o 3º quadro), figura o nu  
feminino intitulado «Torso», um  
óleo sobre tela, 100x64 cm,  
pintado em 1949, e adquirido  
pela Fundação Calouste  
Gulbenkian em 1971.  
Fonte: arquivo particular de  
Sílvia Soares.



Faria

(D. Estrela)

Pintora

27-Mais-1936